

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

Augusto de Mattos Tuchtenhagen

**A PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO MÉDIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Porto Alegre  
2019

Augusto de Mattos Tuchtenhagen

## **A PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO MÉDIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**Orientadora:** Profa. Dra. Denise Grosso da Fonseca

Porto Alegre  
2019

Augusto de Mattos Tuchtenhagen

**A PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO MÉDIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA**

Trabalho de conclusão de graduação apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física

Aprovado(a) em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Avaliador: Prof. Dr. Elisandro Schultz Wittizorecki – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Orientadora: Profa. Dra. Denise Grosso da Fonseca – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

**Dedico** este trabalho para a minha família, que é meu porto seguro em todos os momentos da minha vida. Em especial à minha mãe, que não mediu esforços e sacrifícios para que eu chegasse ao final dessa etapa. E ao meu pai *In Memoriam* que é um exemplo de superação e força de vontade que tenho.

## AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Rio Grande do Sul, pela oportunidade de cursar o curso de Licenciatura em Educação Física.

À minha orientadora, professora Denise Grosso da Fonseca, pelo auxílio fundamental durante a elaboração deste trabalho.

Aos meus pais, Dilma Cleozete Mattos Tuchtenhagen e Valdor dos Santos Tuchtenhagen *In Memoriam*, por terem me oportunizado uma excelente educação e apoio incondicional durante toda essa etapa.

Aos meus irmãos, Oscar Tuchtenhagen Neto e Kennia Mattos Tuchtenhagen, pelo apoio, incentivo e ensinamentos que sempre me passaram.

Ao meu sobrinho, Inácio Tuchtenhagen Mattos, pela grande amizade, ajuda e pelos momentos em que me ajudou a sair da rotina.

À minha afilhada, Elisa Tuchtenhagen, por me lembrar dos motivos de sempre seguir em frente e momentos de alegria e descontração que me proporcionou.

Aos meus cunhados, Melissa Pires e Ricardo Ziemieski Brandeburski, por torcerem por mim e estarem presentes em muitos momentos da minha vida.

Aos meus amigos de Camaquã, Rafael, Gustavo, Júlia, Luiza, Vinícius, Victor, Kaue, Erni, Luana, João Maciel e Ismael, pela torcida e os mais diversos momentos de lazer e alegria vivenciados.

Aos amigos que fiz em Porto Alegre, Armando, Walter, Régis, Pablo, Gaspar, Leonardo, Carlos Leonardo, Melissa, pela ajuda, conversas e momentos de lazer no decorrer do curso.

A todos os professores, colegas e pessoas que contribuíram para a minha vida e compartilharam aprendizados que me tornaram quem eu sou hoje.

A perfeição é inatingível, mas se a perseguirmos, podemos atingir a  
excelência.

Vince Lombardi

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre a prática do estágio obrigatório no Ensino Médio considerando apontamentos que surgiram no decorrer do mesmo. Questões sobre o funcionamento do Colégio de Aplicação, a importância do estágio supervisionado no curso de Educação Física, história e métodos de ensino do Futebol, autonomia, avaliação, utilização das mídias sociais e resistência dos estudantes, desmotivação do professor estagiário, metodologia das aulas e a sua organização serão abordados. Trata-se de um relato de experiência reflexivo, o qual foi desenvolvido a partir da análise dos diários de campo/relatórios, planos de aula e plano de trabalho, de onde emergiram as temáticas trazidas para discussão.

**Palavras-chave:** Estágio Curricular Obrigatório; Educação Física; Futebol.

## **ABSTRACT**

This thesis has as its main focus a reflection on the practice of mandatory internship in high school, taking into account queries about the difficulties found, objectives of Physical Education in schools and the goals which the students had while practicing Physical Education. Questions about the importance of the supervised internship in the Physical Education course, history and methods of teaching Football, autonomy, evaluation, social media use and student resistance, demotivation of the trainee teacher, your organization will be addressed. This research was made as a reflective report of experiences, which was developed stemming from the examination of field diaries/reports, class planning and work planning, whence emerged the addressed topics.

**Key words:** Mandatory Curricular Internship, Physical Education, Soccer.



## Sumário

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>9</b>
<b>2. REREFENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>12</b>
2.1. O COLÉGIO DE APLICAÇÃO .....	12
2.2. O FUTEBOL .....	15
<b>2.2.1. O ensino do futebol</b> .....	<b>18</b>
2.3. O ESTÁGIO.....	20
<b>3. RELATO DO ESTÁGIO</b> .....	<b>23</b>
3.1. AUTONOMIA.....	24
3.2. AVALIAÇÃO .....	25
3.3. A UTILIZAÇÃO DAS MÍDIAS SOCIAIS E A RESISTÊNCIA DOS ESTUDANTES .....	27
3.4. DESMOTIVAÇÃO DO PROFESSOR ESTAGIÁRIO .....	30
3.5. METODOLOGIA DAS AULAS.....	31
<b>4. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>33</b>
<b>5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	<b>35</b>
<b>6. APÊNDICES</b> .....	<b>37</b>
6.1. APÊNDICE A – PLANO DE AULA .....	37
6.2. APÊNDICE B – PLANO DE AULA .....	39
6.3. APÊNDICE C – REFLEXÃO DA AULA .....	41

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de refletir sobre a prática do estágio curricular obrigatório do curso de Licenciatura em Educação Física desenvolvido no segundo semestre de 2017, em dupla, no Ensino Médio no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAp - UFRGS), buscando compreender os processos que perpassam a dinâmica de nossas aulas ministradas no estágio. Nessa perspectiva a reflexão terá como foco questões relacionadas às dificuldades em alterar a organização da aula, as quais tinham uma organização diferente da proposta por nós estagiários, aos objetivos da Educação Física (EFI) no Ensino Médio na referida escola e aos objetivos que os alunos tinham com a prática da EFI.

O que motivou a escolha do estágio no Ensino Médio, para a realização deste Trabalho, foi o grande gosto pelo esporte Futebol, o qual foi praticado e muito presente ao longo do meu percurso de vida. Este fato foi fundamental, inclusive, para a escolha da turma com a qual iria estagiar. No CAp, os estudantes do EM elegem as práticas corporais que serão ministradas em cada trimestre e, a partir desse processo, cada um escolhe em qual delas irá participar. Na continuidade são constituídas as turmas. O Futebol foi uma das modalidades eleitas por eles, originando uma das turmas do trimestre com a qual me propus a realizar minha prática docente. Nesse sentido, mobilizado por essas motivações já mencionadas, este estágio foi o escolhido para o relato.

No início desta etapa de minha formação, o ponto de maior receio foi a idade dos alunos, de 15 a 19 anos, considerando que as experiências anteriores foram os estágios no Ensino Infantil e Fundamental, com alunos de três a quatro anos e seis a sete anos, respectivamente. Assim, a maneira de lidar com as crianças naquelas situações, foi muito semelhante pela proximidade das idades. Neste estágio, o fato de haver uma diferença pequena de idade, em alguns casos de apenas três anos, entre os alunos e eu, contribuiu para este receio em ministrar às aulas no Ensino Médio.

Com o decorrer do estágio surgiram outros pontos que somaram para a escolha deste relato. Um fato que chamou minha atenção foi a resistência, por parte

dos alunos, quanto à mudança na dinâmica das aulas, deixando de ter um caráter mais recreativo passando a ter conteúdos e metodologias específicas. A inconstância na frequência dos alunos foi outro ponto a ser considerado. Conforme o ano se aproximava do final a frequência diminuía consideravelmente, dificultando a organização das aulas. Houve situações em que o plano de aula precisou ser completamente modificado pela baixa frequência dos alunos.

Mesmo com a resistência dos alunos as aulas ocorriam, porém, esse fato, reduzia o meu interesse e falta de motivação para organizar e ministrar as aulas. Esse desânimo foi um aspecto de grande surpresa, considerando minha grande aproximação e gosto pela temática desenvolvida. Desta maneira, me senti levado a questionar e discutir possíveis motivos que resultaram no meu desinteresse e falta de vontade de ministrar as aulas subsequentes.

Assim, mobilizado pelas questões apontadas, me propus a refletir sobre as mesmas buscando compreender melhor os processos subjacentes aos modos como estudantes respondiam às aulas ministradas.

Através de uma perspectiva pessoal, este relato constará de uma apresentação da proposta do CAP-UFRGS, um estudo teórico sobre o Futebol, modalidade trabalhada ao longo deste estágio e sobre o Estágio enquanto um elemento curricular da formação inicial dos cursos de graduação em licenciatura. Para a apresentação da escola, questões como, seu funcionamento geral e orientações pedagógicas e seu posicionamento frente a direções que a educação brasileira está tomando será apresentado.

Sobre o Futebol será apresentado, inicialmente, a sua história, os diferentes métodos de ensino, sendo aprofundado mais no método global em série de jogos, o utilizado na organização das aulas aqui citadas. Explicarei também os motivos de escolha do método para a organização das aulas e como foi feita a sua aplicação, levando em consideração as dificuldades encontradas no decorrer do estágio, inconstância de frequência, resistência a mudança da dinâmica, para a aplicação do método. Portanto serão relatados exemplos de atividades, conversas, situações de jogo e dúvidas que surgiram em aula para entender mais o trabalho desenvolvido na turma.

No capítulo sobre o estágio curricular serão debatidos os motivos para a existência do estágio supervisionado obrigatório. Exponho também como os objetivos dos cursos de licenciatura, porque a realização do estágio na formação do professor, dificuldades que são esperadas no estágio e a sua importância na formação do professor, serão abordados.

Assim me propus a refletir sobre os diferentes aspectos que surgiram durante a prática docente do estágio, os quais se constituíram em temáticas discutidas a partir da experiência vivenciada e do diálogo com autores que as estudam.

## 2. REREFENCIAL TEÓRICO

### 2.1. O COLÉGIO DE APLICAÇÃO

O Colégio de Aplicação da UFRGS (CAp-UFRGS) tem como endereço a Av. Bento Gonçalves, 9500, prédio 43815, Bairro Agronomia, Porto Alegre, RS, CEP: 91509-900. No Ensino Médio atende, aproximadamente, 210 estudantes divididos em 6 turmas, 101, 102, 201, 202, 301, 303. Os alunos têm, em média, entre 15 e 18 anos de idade.

A maneira para ingressar no colégio acontece por meio de sorteio público entre os inscritos. As aulas na escola ocorrem de segunda à sexta-feira, no turno da manhã, cujos horários de início e término, são, respectivamente, às 08h e às 12h10min. Eventualmente acontecem aulas aos sábados, também, sempre durante o turno da manhã. Nas segundas e quartas-feiras as turmas do Ensino Médio têm aulas no turno da tarde das 13h30min até as 17h30min.

Nas terças e quintas-feiras os estudantes têm à disposição, no turno da tarde, laboratórios das mais diversas disciplinas que compõem a grade curricular do CAp-UFRGS. Nos laboratórios são, os alunos são convidados, pelos respectivos professores, a solucionar quaisquer dúvidas que tenham em relação aos diferentes componentes curriculares. Nessa atividade a frequência dos alunos não é obrigatória, os mesmos são convidados a participar para aperfeiçoar seus conhecimentos e aprendizagens.

São oferecidas disciplinas regulares, de diferentes áreas do conhecimento que são subordinadas aos quatro departamentos a seguir:

1. Ciências exatas e da natureza: Biologia (2 períodos semanais), Bioquímica (1 período semanal), Física (2 períodos semanais), Química (2 períodos semanais) e Matemática (4 períodos semanais).
2. Comunicação: Língua Alemã (2 períodos semanais), Língua Espanhola (2 períodos semanais), Língua Francesa (2 períodos semanais), Língua Inglesa (2 períodos semanais), Língua Portuguesa (4 períodos semanais) e Literatura (2 períodos semanais). A língua estrangeira é dividida em quatro diferentes idiomas e as turmas de cada língua reúnem os alunos das mesmas séries no mesmo horário.

3. Expressão e Movimento: Artes (2 períodos semanais), Música (2 períodos semanais), Teatro (2 períodos semanais) e Educação Física (3 períodos semanais), sendo que os alunos escolhem entre artes, música e teatro. As aulas de Educação Física são organizadas de maneira desseriada, ou seja, existem alunos do 1º, 2º e 3º ano, divididos em turmas pares (102, 202, 302) ou ímpares (101, 201, 301). São oferecidas diferentes atividades da cultura corporal do movimento como, futebol, basquetebol, voleibol, esportes de aventura, pilates, entre outras, as quais são definidas através de uma Assembleia de estudantes, na qual, os estudantes se reúnem em uma sala junto com os professores de Educação Física. Na ocasião é realizada uma conversa sobre as atividades que serão oferecidas, para cada uma das turmas pares e ímpares, as quais podem ser sugeridas tanto pelos professores, como pelos estagiários e alunos. Após serem sugeridas as modalidades, é realizada uma votação para a escolha das práticas corporais que serão oferecidas no trimestre. Feita a votação os alunos devem se inscrever em alguma das práticas mais votadas passando a constituir as turmas pares e ímpares, a cada trimestre.
4. Humanidades, Filosofia (2 períodos semanais), Geografia (2 períodos semanais), História (2 períodos semanais) e Sociologia (2 períodos semanais).

Além das disciplinas regulares são oferecidas outras duas modalidades de disciplinas para os estudantes, quais sejam:

- Eletivas (2 períodos semanais) em regime semestral e cada departamento é responsável pelo oferecimento de quatro disciplinas eletivas;

- Flutuantes (1 período semanal) tem caráter anual e os professores definem alguns critérios para o oferecimento da disciplina, que são: interdisciplinaridade; caráter inovador; rotatividade entre os departamentos; não repetir.

O Colégio de Aplicação é regulamentado pela Portaria nº 959/2013, que trata das diretrizes e normas gerais do Colégio estabelecendo que os CAPs como instituições de Educação Básica mantidas e administradas por universidades federais também tem como finalidade desenvolver atividades de ensino, pesquisa e

extensão voltadas para a inovação pedagógica e para formação docente na Educação Básica.

Com isso, os CAPs gozam de certa autonomia no sentido da inovação pedagógica. Os CAPs são caracterizados como escolas-laboratórios e, assim, considerando a avaliação do Ministério da Educação e Cultura (MEC), não se admite formar um professor baseado apenas no treinamento de modelos que já existem. Nessa perspectiva, os professores têm se posicionado de maneira crítica diante das novas orientações legislativas e pedagógicas para o Ensino Médio, dentre as quais destacam a Lei nº 13.415 de 16 de fevereiro de 2017, sancionada pelo então presidente Michel Temer, a qual prevê itinerários formativos e outras alterações curriculares que não contemplariam os propósitos do Cap. Também fazem referência à Base Nacional Comum Curricular-BNCC, se manifestando contrários à sua implementação, por discordarem da desobrigatoriedade das disciplinas, Filosofia, Língua Espanhola, Literatura e Sociologia, por exemplo, por serem contrários à padronização do currículo uma vez que limita a liberdade das escolas e a autonomia dos professores. Nesse aspecto destacam que tal proposta não conseguiria contemplar a diversidade da população brasileira e não atenderia as particularidades e especificidades da comunidade escolar; e por fim não reconhecem a clareza dos critérios que foram estabelecidos para nortear a construção de uma base nacional comum curricular.

Além disso, os professores do Ensino Médio do CAP-UFRGS, são contrários a implementação da BNCC porque, já é oferecido uma carga horária anual superior as 1 mil horas; discordam da exclusão das disciplinas, Filosofia, Língua Espanhola, Literatura e Sociologia, por exemplo;

Segundo o Projeto de Ensino do CAP-UFRGS (UFRGS, 2018) indica sua adesão ao trabalho por habilidades e competências, entendida como conjuntos de relações internas do processo de aprendizagem. Também explicita a compreensão de que competência é uma habilidade de ordem geral, enquanto habilidade é uma competência mais específica.

Nesse contexto, é esperado que os alunos que saiam do Colégio de Aplicação e desenvolvam capacidades atitudinais: que são ações ligadas às atitudes, valores em sala de aula, assim como sua postura ética; capacidade

processual: que é o saber fazer, organizar os conceitos e conhecimentos para compreender o que e porque se está fazendo e aprendendo; capacidade conceitual: que é o saber utilizar conceitos para enfrentar e entender novas situações. É definida também por utilizar esses conceitos, em diferentes momentos, para agir tanto no cotidiano escolar ou vivencial.

A avaliação, no entendimento do grupo de professores, deve ser processual e cumulativa, tendo como conceitos norteadores, do processo avaliativo, as dimensões conceitual, procedimental e atitudinal. O desempenho do estudante será dado por meio de conceito ao final de cada trimestre. Fica a critério do professor a maneira de formar esse conceito, podendo ser feito com escala numérica, em porcentagem, ou diretamente em conceitos (A, B, C e D). Para existir uma padronização entre os conceitos e a escala numérica, os professores que utilizarem a escala numérica devem seguir o regramento: Conceito A, entre 85% e 100%; Conceito B, entre 70% e 84%; Conceito C, entre 50% e 69%; Conceito D, entre Zero e 49%. Ainda existem os Conceitos, E (quando o estudante reprova ao final do ano) e o FF (quando o estudante reprova ao final do ano letivo por falta de presença prevista em lei).

Ainda sobre a avaliação, ao final dos 1º e 2º trimestres são realizados conselhos participativos, nos quais os estudantes podem conversar em particular com todos seus professores. Esse momento proporcionado tem como propósito uma autoavaliação em que o aluno participe de maneira mais efetiva na construção do seu conceito trimestral. Assim tomando uma consciência do processo avaliativo e de sua aprendizagem. Já no 3º trimestre são realizados apenas os Conselhos Finais entre os professores, com o objetivo de avaliar o desempenho anual dos estudantes nas diferentes áreas de conhecimento e disciplinas.

## 2.2.O FUTEBOL

O futebol foi uma das modalidades escolhida pelos alunos, para a prática nas aulas de Educação Física e foi a modalidade ministrada por mim no estágio. Os jogos com bola, principalmente os praticados com os pés, fazem parte da prática desde o início do homem no planeta. Segundo algumas teorias antropológicas, Borsari e Mesquita (1974) e História Ilustrada do Futebol Brasileiro (1968) a prática de jogos com bola acontecia já na pré-história, conforme citado por Frisselli (1999) e



também era comum a prática de chutar frutas e, até mesmo, crânios pelos primeiros homens para sua diversão. Essa prática pode ser considerada o mais remoto antepassado do futebol, e apesar destas teorias necessitarem de maior fundamentação científica, elas indicam uma atração do homem, desde o início dos tempos, por jogos com objetos esféricos.

Frisseli (1999) relata que a origem dos esportes com bola e particularmente o futebol, o mais distante, que é encontrado por meio de relatos escritos ou pinturas, é no oriente, onde existem relatos japoneses que fazem menção ao jogo *Kemari*. Neste jogo deveria se passar a bola de pé em pé sem que a mesma tocasse o solo, sendo que o mesmo não tinha o objetivo de se marcar gols ou pontos, o mais importante era o controle de bola e a maneira de chutar a bola.

O *Kemari* em História Ilustrada do Futebol Brasileiro (1968) citado por Frisselli (1999), provavelmente seria uma variação de um jogo com origem na China, cujos escritores Tao Tsé e Yang Tsé, registraram um tipo de jogo com bola, o qual os jogadores jogavam em um campo quadrado de 14 metros, tentavam passar uma bola de 22 centímetros de diâmetro entre duas estacas de bambu fixadas no chão e unidas por um fio de seda, a bola só deveria ser conduzida com os pés e sem tocar o solo. A idealização desse jogo é do próprio Yang Tsé, era chamado de “Tsu-Chu”.

O futebol teve, além dos jogos já citados, outros jogos precursores do esporte, como o “*Epyskiros*” na Grécia antiga, o “*Haspartun*” na Roma antiga, o “*Cálcio*” na Itália, o “*Soule*” ou “*Choule*” na França. Na Inglaterra, país que inventou o futebol como é hoje, o jogo primeiramente se chamava “*Hurling over country*”, jogo que foi proibido, em 1060 pela sua violência. Apenas no século XVII o jogo volta a ser liberado e são instauradas regras que deixam o jogo menos violento (FRISSELLI, 1999).

Com o decorrer do tempo o jogo passou a ser menos violento e perigoso e assim passou a assumir características do futebol que conhecemos hoje. Na Inglaterra passou a ser amplamente praticado em escolas e clubes e em 1823 acontece uma divisão nas regras, que acaba separando claramente o *Football* e *Rugby*, criando um marco para a criação do futebol moderno. Em 1857 começou a surgir uma organização do futebol como esporte, momento em que os primeiros clubes de futebol da história são criados e se faz necessário uma maior organização

nos campeonatos e regras. Em 26 de outubro de 1863 é realizada uma reunião na qual os representantes das escolas e clubes definem a maneira de jogar e suas regras, sendo formada *The Football Association*, nome que é mantido até hoje pela liga inglesa. Em 1882 é criada por Inglaterra, Escócia, Irlanda e País de Gales a *International Board* para definir as regras do jogo, papel que ainda é realizado em parceria com a *Fédération Internationale de Football Association* (FIFA), cujas regras assumidas nessa época permanecem até os dias atuais com poucas alterações e modificações (FRISSELLI, 1999).

No Brasil, *História Ilustrada do Futebol Brasileiro* (1968), citado por Frisselli (1999), existem registros, da prática do esporte, desde cerca de 1870, introduzido por marinheiros ingleses ou holandeses. Também existem registros de padres jesuítas terem trazido o jogo da Europa, ou ingleses radicados no Brasil, ou ainda de marinheiros de diversas nacionalidades. Porém, apenas, a partir do trabalho de Charles Miller que o futebol começa a ser difundido pelo país. O primeiro clube, fundado exclusivamente para o futebol, no Brasil, que é considerado pioneiro pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF), foi o Sport Club Rio Grande, em Rio Grande, Rio Grande do Sul.

E notado que o futebol é o esporte mais popular do mundo, sendo preferido, tanto pelos jogadores a nível recreativo quanto pelos seus espectadores (GONZÁLEZ, et. al., 2014) (FRISSELLI, 1999). Segundo WUOLIO (1981), conforme citado por Frisselli (1999) são várias as razões de o futebol ser considerado o rei dos esportes: seus requisitos básicos são simples e não muito numerosos, proporciona uma atividade física bastante variada, favorece o desenvolvimento social do indivíduo através da necessidade de colaboração, permite ações individuais de grande habilidade, é o tipo de esporte com diferentes funções possibilitando a escolha de uma delas e é de fácil organização. Assim com essas, e outras razões, atrai com facilidade um grande número de espectadores.

No Brasil o futebol está presente de maneira muito intensa, são diversos os meios de comunicação (televisão rádio, internet, entre outros) que disponibilizam, diariamente, diversas informações a respeito de campeonatos, clubes e seleções do esporte. Desde a inserção do esporte no país ele vêm se fortalecendo, chegando a

ser considerado, mais tarde, após a conquista de três títulos mundiais, como “Brasil: o país do futebol” (GONZÁLEZ, et. al., 2014).

### **2.2.1. O ensino do futebol**

O futebol, junto com outras modalidades como o basquetebol, futsal, handebol e polo aquático, por exemplo, são esportes com sua lógica interna semelhante, ou seja, são esportes coletivos, pois são disputados em equipes. Nestas modalidades existe interação com o adversário, pois as ações desempenhadas por uma equipe irá depender do adversário. E fazem parte do grupo de modalidades de invasão, que é um grupo de modalidades nas quais os jogadores devem tentar ocupar o setor da quadra, piscina ou campo do adversário, para assim marcar o ponto e simultaneamente deve defender o seu próprio setor, meta ou alvo (GONZÁLEZ e FRAGA, 2009) (GONZÁLEZ, et. al., 2014).

Em um primeiro momento pode parecer estranho o futebol, o polo aquático e o handebol estarem dentro da mesma classificação, pois um é praticado com os pés em um campo, outro na piscina com as mãos e outro com as mãos em uma quadra. Porém analisando com mais atenção, as três modalidades são disputadas em equipes ocorrendo interação com o adversário e tem o objetivo de invadir o espaço da outra equipe para marcar o ponto (GONZÁLEZ, et. al., 2014).

Assim, existem diferentes métodos para o ensino do futebol, cada um com suas particularidades, vantagens e desvantagens. Para a escolha do método de ensino deve ser levada em consideração os objetivos, experiências do professor, recursos, habilidade do grupo em que for aplicado.

Tenroller,(2014), traz oito métodos que podem ser utilizados, quais sejam:

1. Método parcial ou analítico que consiste em ensinar uma habilidade motora por partes para, depois, uni-las entre si. Este método pode gerar uma desmotivação pelo aluno, pois é repetitivo, até que seja executado da maneira correta;
2. Método global ou complexo que consiste em desenvolver uma habilidade motora em conjunto, no caso sem interferência, ao menos em um primeiro momento, do professor. O movimento será realizado de maneira completa e se necessário irá acontecer a interferência do professor;

3. Método misto consiste nos métodos parcial e global em conjunto, global-parcial-global, ou seja, primeiramente o movimento acontece como um todo, após ele é dividido e depois se realiza, novamente, o movimento completo;
4. Método global em forma de jogo ou de confrontação consiste em aprender o esporte por meio do próprio jogo, portanto se aprende realizando o jogo/esporte;
5. Método em série de jogos é muito semelhante ao método global em forma de jogo, a grande diferença ocorre na possibilidade de aplicar pequenos jogos com ênfase a um aspecto técnico do esporte;
6. Método recreativo é o método mais utilizado na iniciação esportiva. Ele consiste em desenvolver atividades, que ensine/desenvolva uma modalidade esportiva, recreativas/lúdicas. Esse método em um aluno, aspectos táticos podem ser assimilados, de maneira mais fácil, por ser por meio de atividades com caráter lúdico e quando utilizado com atletas tem um efeito de diminuir o estresse dos atletas;
7. Método *transfert* consiste em trabalhar mais de um esporte na mesma atividade, realizando gestos técnicos específicos de cada esporte, por exemplo, a condução do basquetebol e o passe do futsal. Nesse exemplo, este método, irá trabalhar os eixos inferior e superior do corpo, percepção de espaço raciocínio rápido, inteligência em outros elementos que existem durante o jogo;
8. Método de cooperação-oposição consiste em enfatizar os valores de cooperação entre os participantes, tem o foco no jogar “com” e não “contra”, pois o jogo/competição só vai acontecer com o adversário, portanto com a cooperação do adversário.

Será descrito com mais detalhe o método global em série de jogos, pelo fato de que foi o utilizado nas aulas. González et al. (2014) falam que para jogar bem um esporte é necessário diferentes conhecimentos, entre eles a habilidade técnica, que é a capacidade de realizar o movimento exigido, e a tática individual, que é a capacidade de tomar a melhor decisão na situação em jogo, ou seja não basta saber realizar o movimento correto, e sim, se faz necessário realizá-lo dentro do contexto do jogo e no momento correto.

Fato que vai ao encontro de Carraveta (2001), ao afirmar que se deve considerar as reais questões de jogo, executar movimentos com oponentes, em espaços reduzidos, em ritmo de jogo e com apropriadas escolhas de soluções de problemas. Quanto mais elementos técnicos o futebolista assimilar em situações de jogo, com mais eficiência adaptará novos movimentos, em espaços diferenciados, situações variadas, com pressão de oponente e velocidade elevada.

Com a utilização dos jogos reduzidos é buscado criar diferentes cenários do jogo, pois assim os alunos deverão encontrar soluções para um problema real e próximo da realidade do jogo, assim sendo mais fácil a sua assimilação para o jogo formal. González et. al. (2014) destacam também a importância da reflexão sobre o que foi realizado, não apenas criar situações do jogo, e sim, fazer os alunos pensarem com perguntas como exemplo, “qual o objetivo da atividade?”, “o que deveria ser feito na atividade?”, “por que foi realizada a atividade?” entre outras, pois assim os alunos irão começar a deixar de, apenas, realizar as tarefas propostas e começam a pensar o que de fato está sendo necessário para a sua realização.

A tomada de decisão na modalidade está sempre presente, o que fazer, como fazer e quando fazer, devem ser levadas em consideração na prática apropriada da modalidade. Para a sua melhor assimilação é desejável que esses três aspectos sejam trabalhados de maneira conjunta

### 2.3. O ESTÁGIO

O curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) tem como objetivo, segundo o Projeto Pedagógico do Curso:

Formar professores de educação física competentes para o ensino dos elementos da cultura corporal do movimento humano por meio de uma organização curricular que contemple e articule os conhecimentos de áreas diversificadas (biológica, sociocultural, pedagógica) (PPC,2012, p.17).

Desta maneira o egresso da Licenciatura em Educação Física pela UFRGS, é esperado que, seja o professor que planeja, organiza e desenvolve atividades de ensino para as mais diversas práticas corporais sistematizadas nos diferentes níveis

de ensino e modalidades de ensino escolar, como também como em ambientes educacionais extraescolares.

Para França (2004), a formação do profissional deve estar dirigida para a prática, tanto na parte da reflexão quanto da atividade profissional, quanto o estágio em docência, pois se considerando a escola o local de trabalho dos professores, os saberes que devem ser transmitidos pelas instituições de ensino devem ter relação com a prática profissional dos professores na escola.

Desta maneira, Iza, e Neto (2015), trazem que o estágio curricular supervisionado é um momento de aprendizado único, na formação do professor, pois nele vai existir a possibilidade, do estagiário entrar em contato com as escolas, com a direção, com professores, com os alunos e com todo o contexto escolar. E dentro disso são inúmeras as oportunidades para reflexões sobre os elementos que constituem a escola.

Assim o estágio é o período no qual o aluno terá oportunidade de aprender e aplicar conhecimentos específicos da profissão. No caso dos cursos de Licenciatura, o estágio irá proporcionar conhecimentos para a atuação na Educação Básica. Iza e Neto (2015), falam que com a inserção do estagiário neste ambiente escolar poderá promover uma série de conhecimentos fundamentais para a formação docente.

Nessa perspectiva o estágio consiste em “assumir a sua função prática, revisada numa dimensão mais dinâmica, profissional, produtora de troca de serviços e possibilidades de abertura para mudanças” (KULCSAR, 1998, p. 65) citado por (IZA e NETO, 2015, p.17).

Os autores afirmam que é necessária a convivência com a realidade escolar, pois só assim o estudante de licenciatura pode conhecer as mais diversas possibilidades de atuação frente às diferentes situações que surgem durante a prática docente, e desta maneira ter conhecimento das reais condições de trabalho que ele terá que lidar na escola.

Essas afirmações vão ao encontro da proposta do PPC de Licenciatura em Educação Física da UFRGS:

Os estágios curriculares obrigatórios são oferecidos a partir da 5ª etapa do currículo por meio de ações integradas com escolas das

redes municipal e estadual de ensino, além da Creche e do Colégio de Aplicação da UFRGS. Os estudantes realizam práticas docentes de Educação Física nos diversos níveis de ensino (Educação Infantil, anos iniciais e finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio), sob orientação de um docente do curso e de um professor da escola de realização do estágio (PPC, p.74).

Assim os estágios têm como objetivo que os estudantes tenham a efetiva experiência de planejamento e de docência em Educação Física, discutir a atuação do docente de Educação Física e instigar reflexões sobre as competências necessárias para um professor nos diferentes níveis de ensino escolar (Ensino Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio).

Iza e Neto (2015) falam que é no estágio que os estudantes percebem com mais clareza que lhes falta algo, e a partir disso começam a repetir, como muitos professores da educação básica, que “na prática a teoria é outra”.

Este fato vai ao encontro da minha experiência no estágio, pois não me sentia totalmente preparado para ocupar o espaço de professor, principalmente pelo fato da pouca diferença de idade com os estudantes, pouca experiência em ser, de fato, professor. Como já referido anteriormente, as experiências passadas, estágio anteriores foram com alunos muito mais novos (três e quatro anos, seis e sete anos), assim essas experiências de pouco auxiliavam.

Portanto o estágio se faz como um espaço propício para o envolvimento do estudante estagiário no ambiente escolar, vivenciando as mais diferentes situações de um professor. Nesta perspectiva este trabalho reflete sobre diferentes questões, quais sejam: Autonomia; Avaliação; A utilização das mídias sociais e a resistência dos estudantes; Desmotivação do professor estagiário; e a Metodologia das aulas, que surgiram no estágio vivenciado, desta maneira foram divididas em temáticas e serão debatidas, em diálogo com autores que as referenciam.

### 3. RELATO DO ESTÁGIO

O estágio<sup>1</sup> foi realizado, em dupla<sup>2</sup>, com as turmas, 101, 103, 201, 301, ou seja, as turmas ímpares do Ensino Médio, num processo de desserialização, como já mencionado anteriormente, com alunos de primeiros, segundo e terceiro anos. Mesmo com essa mistura de alunos podia ser notada a existência de pequenos grupos, decorrentes das equipes que participam da Olimpíada do Colégio de Aplicação – OCA<sup>3</sup>. A frequência das aulas foram de três períodos semanais, sendo segunda-feira um período e quarta-feira dois períodos.

A modalidade que nos coube, foi o Futebol. A turma, ímpar de Futebol, era composta por 20 alunos, dos quais, em torno de 14 se faziam assíduos e participantes. No primeiro contato com a escola foram realizadas duas observações, que serão debatidas a seguir, nas aulas de Educação Física, nessa modalidade. Na ocasião, a professora entregou a bola e os coletes para os alunos e os mesmos se organizaram autonomamente. Nessa semana de observação verifiquei que nas segundas-feiras, em que havia apenas um período, a professora apitou e acompanhou o jogo. Já na aula realizada nas quartas, no primeiro momento deste dia foi realizado um jogo condicionado, em que foi introduzido o limite de dois toques seguidos na bola, e após foi realizado o jogo tradicional. Nessas observações realizadas foi possível perceber a desmotivação e falta de envolvimento de alguns alunos, que não permaneciam em tempo integral na aula, saindo e retornando livremente.

A leitura dos relatos das aulas por nós ministradas suscitaram algumas reflexões que serão trazidas para o debate, as quais estão organizadas em categorias, quais sejam: autonomia; avaliação; utilização das mídias sociais e resistência dos estudantes; desmotivação do professor estagiário; e a metodologia

---

<sup>1</sup> O estágio ocorreu no segundo semestre de 2017, ano em que os professores das escolas estaduais realizaram greve. Por este motivo a escola em que foi realizado o estágio foi trocada para o CAP-UFGRS e as aulas por nós ministradas se iniciaram após o previsto.

<sup>2</sup> O estágio do Ensino Médio foi realizado em duplas, numa perspectiva compartilhada. Nesse sentido, o planejamento foi desenvolvido em conjunto, mas a direção das aulas buscou garantir o protagonismo individual de cada um. Além dessas ações os estudantes estagiários realizaram relatos, individuais, oportunizando uma reflexão sobre a prática desenvolvida.

<sup>3</sup> A OCA é a Olimpíada do CAP, na qual as turmas competem entre si em diversas atividades e modalidades esportivas. O seu acontecimento é durante uma semana, no segundo semestre do ano letivo. Nessa semana as aulas regulares são suspensas e as datas são reservadas para a realização das atividades esportivas.



das aulas e sua organização. Esses foram os temas escolhidos a para a reflexão a partir da leitura dos relatos realizados durante o estágio.

### 3.1. AUTONOMIA

A liberdade que os alunos possuíam de em entrar e sair da aula, com pouco controle me levou a refletir sobre a liberdade dada aos estudantes em tal situação. Essa liberdade que existia na organização das aulas vai ao encontro das questões de Autonomia, que a escola incentiva a ser desenvolvido nos alunos. No site do dicionário Michaelis (2019) pode ser encontrado Autonomia com os seguintes significados:

**1** Capacidade de autogovernar-se, de dirigir-se por suas próprias leis ou vontade própria; soberania. **2** Faculdade própria de algumas instituições quanto à decisão sobre organização e normas de comportamento, sem se dobrar ou ser influenciadas por imposições externas. **3** *Sociol, Polít* Autodeterminação político-administrativa de que podem gozar partidos, sindicatos, corporações, cooperativas etc., em relação ao país ou comunidade política dos quais fazem parte. **5** Liberdade moral ou intelectual do indivíduo; independência pessoal; direito de tomar decisões livremente.

Kamii (2008, p. 103) traz “Autonomia significa ser governado por si próprio. É o contrário de heteronomia, que significa ser governado por outrem.” A partir desses significados, pode ser interpretado que um ser autônomo é aquele com capacidade de tomar as suas decisões livremente sem ser influenciado com imposições externas, ou seja, é livre intelectualmente e independente.

Kamii (2008) ainda divide à Autonomia em moral e intelectual. Autonomia moral seria a capacidade de tomar uma decisão por si mesma, levando em consideração os fatos relevantes para, assim, ser possível agir da melhor maneira, levando em consideração todos. Autonomia intelectual seria a condição de defender uma opinião, pensamento ou conhecimento, independente do restante do grupo e também não aceitar qualquer conhecimento, pode se mudar a opinião sobre um conhecimento, mas não pelo simples fato de ser o certo, e sim por acreditar de fato nesse novo conhecimento.

Berbel (2011, p.26) traz alguns motivos para se trabalhar a autonomia na escola:

A legislação nacional da educação sinaliza para isso de diferentes modos, de acordo com os diferentes níveis de escolaridade. Por exemplo, para o ensino fundamental, prevê como objetivo, o desenvolvimento da capacidade de aprendizagem, tendo em vista a aquisição de conhecimentos e habilidades e a formação de atitudes e valores (BRASIL, 1996). Para o ensino médio, entre outros objetivos, no Art. 35, em seu inciso III, prevê-se o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico. No Art. 43, lemos que a educação superior tem por finalidade: I - estimular a criação cultural e o desenvolvimento do espírito científico e do pensamento reflexivo (BRASIL, 1996).

Berbel (2011) ainda conclui que junto com outras informações, pode se compreender com os textos da Lei, que a escola tem o dever de promover o desenvolvimento humano, a capacidade de níveis complexos de pensamento e comprometimento nas suas ações.

Assim, a Autonomia, é um ponto previsto na avaliação pelo Projeto de Ensino do CAp-UFRGS. Desta maneira ela é trabalhada na disciplina de Educação Física, desde a escolha da modalidade que será realizada, o comparecimento e a participação nas aulas até a participação, de maneira ativa tanto na parte prática quanto nas conversas ou apenas se fazendo presente. Nesse sentido, em relação ao apenas se fazer presente não contempla com totalidade o propósito estabelecido pela escola em relação à dimensão do ato de participar com Autonomia.

### 3.2. AVALIAÇÃO

Na questão da avaliação, na nossa primeira aula ministrada, foi conversado como seria a organização dos encontros e a avaliação. Foi destacado que seria cobrada a presença, a participação dos alunos e o uso da roupa apropriada para a prática, que foram orientações da professora da turma. De nossa parte, foi proposta a realização do relato da aula, o qual consistia que os alunos, em duplas, relembassem o que aconteceu na aula anterior. Foi feita a criação de um grupo no *facebook*, no qual deveria divulgar atividades que iriam servir para instrumento de avaliação. Também foi incluída uma autoavaliação em relação ao desempenho no decorrer das aulas.

Segundo o Coletivo de autores (1992), a avaliação diz respeito ao processo que seja contínuo, que tenha uma intenção, seja sistematizado, com

acompanhamento e reflexão buscando notar aproximações e distanciamentos aos eixos curriculares que orientam o projeto pedagógico. Desta maneira, avaliar não é apenas considerar e constatar os resultados obtidos pelos estudantes, mas orientar os processos de ensino aprendizagem.

Darido e Rangel (2008) trazem algumas indicações a serem consideradas na avaliação, são elas: a avaliação deve oferecer ao professor elementos para uma reflexão sobre a sua docência; a avaliação deve oferecer ao estudante um diagnóstico dos seus avanços, dificuldades, limitações, conquistas e possibilidades; a avaliação deve oportunizar à escola reconhecer dificuldades e assim definir prioridades para sempre estar se reconstruindo e buscando se aperfeiçoar.

Portanto a avaliação não deve, apenas, aprovar ou não um aluno. Ela pode e deve ser um instrumento de acompanhamento para o professor, pois com ela é possível acompanhar o desempenho dos alunos, se estão compreendendo os conteúdos ensinados, se estão atingindo os objetivos esperados e, a partir disso, analisar e refletir se as estratégias de ensino desenvolvidas estão de acordo com o esperado.

Assim, se faz necessário pensar e praticar a avaliação para além da dimensão procedimental, que é o saber fazer, realizar os gestos e atividades necessários. Incluir também as avaliações para as dimensões: conceitual, que é o saber sobre o saber fazer, conhecimentos sobre o esporte, conhecimento das regras, e o sentido dos gestos motores; atitudinal, que é o saber ser, atitudes em aula, opiniões, relacionamento com professor e colegas, não podem ser deixados de lado, pois existem conhecimentos importantes e que devem ser vivenciados e avaliados.

No tocante à autoavaliação, os alunos abordaram os seguintes aspectos: frequência e participação em aula; como e quais foram os aprendizados na disciplina; e, de acordo com os pontos anteriores, qual o conceito seria atribuído.

Sobre a autoavaliação, Santos (2002, p. 76) traz:

A auto-avaliação é um processo de metacognição, entendido como um processo mental interno através do qual o próprio sujeito toma consciência dos diferentes momentos e aspectos da sua actividade cognitiva [...] É um olhar crítico consciente sobre o que se faz, enquanto se faz.

Nessa linha, para Fonseca (2015), a autoavaliação deve se constituir num exercício de tomada de consciência ao longo do processo de ensino e

aprendizagem, oportunizando aos estudantes olharem para suas dificuldades e potencialidades tendo em vista um melhor aproveitamento das dinâmicas educativas.

Em consonância com a colocação dos autores, um relato realizado pelos alunos, ao início de cada aula, como já mencionado, foi a maneira utilizada para identificar se eles estavam acompanhando a disciplina e compreendendo o sentido dos conteúdos trabalhados. Por outro lado, a autoavaliação ao final da disciplina, foi utilizada para os alunos pensarem sobre a sua participação e aprendizados ao longo do semestre, ajudando a constituir o conceito atribuído na disciplina, em diálogo com a professora da turma e a dupla de estagiários.

Em outro momento, os alunos também foram incentivados a falar sobre as aulas por nós ministradas e sobre a nossa postura como professores, sendo que esses aspectos não eram obrigatórios, mas foram incluídos para que obtivéssemos um retorno sobre nossa atuação, visando nosso crescimento como professores.

Com a leitura das autoavaliações, foi possível notar que a aula foi bastante aproveitada e as mudanças propostas na organização das mesmas, foi apreciada por parte dos alunos. O seguinte fragmento, da autoavaliação de um aluno, elucida esta análise "...tive um bom desempenho nas aulas de educação física nas quais aprendi muitas coisas, como a importância do coletivo de futebol, o trabalho em equipe, manter a calma e não me estressar com os colegas, agora tenho noção de passar a bola e começar uma jogada, sei como arrumar uma defesa, também aprendi como me movimentar para a entrada da área do time adversário."

Após cada aula, da parte da dupla de estagiários, era realizado um relato, para ter um acompanhamento do aproveitamento dos alunos, e também utilizado para os professores refletirem sobre as estratégias utilizadas e se as mesmas estavam sendo suficiente para atingir os objetivos da aula.

### 3.3. A UTILIZAÇÃO DAS MÍDIAS SOCIAIS E A RESISTÊNCIA DOS ESTUDANTES

Para além dessas questões, foi utilizada a ideia de criar um grupo na rede social *facebook*<sup>4</sup>, com os alunos, para facilitar o envio das atividades, o que não

---

<sup>4</sup> O *Facebook* é uma das redes sociais mais utilizadas em todo o mundo para interagir socialmente. Esta interação surge essencialmente pelos comentários a perfis, pela participação em grupos de discussão ou pelo uso de aplicações e jogos. É um espaço de encontro, partilha, discussão de ideias e, provavelmente, o mais utilizado entre estudantes universitários. Patrício e Gonçalves (2010, p. 594).

funcionou com o previsto. Desta maneira, foram realizadas compartilhamento de mensagens no grupo, por parte dos professores, mas os alunos ignoravam ou nem mesmo visualizavam. Diante de tal situação, mesmo com novas tentativas e buscas de diálogo, a proposta não prosperou, tendo sido suspensa. Ao nos perguntarmos quais os motivos fizeram com que essa estratégia não tivesse ressonância no grupo, não conseguimos ter muita clareza, no entanto, algumas hipóteses foram levantadas.

Em momento algum os alunos explicitaram o motivo de não estarem interagindo e enviando as atividades. Com a reflexão, acredito que um motivador pode ter sido o fato de não estarem habituados a utilizar a plataforma, para trabalhos escritos como um meio avaliativo, nas aulas de Educação Física. A ideia de tentar utilizar o recurso do *facebook* surgiu de uma palestra da Raquel Osolins Soares, na qual, foi apresentado o seu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). No trabalho Soares (2017) fala sobre a sua experiência com a criação de um grupo na rede social já citada, as dificuldades encontradas, estratégias utilizadas nas postagens e os objetivos com a criação do grupo.

Outro fato que pode ter influenciado no desinteresse dos alunos é que o período do estágio foi o final do ano, o qual alguns ainda estavam necessitando completar e recuperar outras atividades que julgavam mais importantes ou difíceis, além de a OCA já ter sido realizada, pois as aulas, para os alunos, também era um momento de treino para tal momento.

Outro ponto de dificuldade na prática do estágio se deu pela frequência dos alunos. O fato de ser final de ano e os alunos terem dado prioridades para estudar outras disciplinas, acabavam por faltar a aula. Por mais de uma oportunidade foi necessário que o plano de aula fosse modificado, devido ao pequeno número de alunos que compareceram na aula. A baixa frequência foi um fator que dificultou muito o planejamento das aulas e o andamento do semestre, pois alguns conteúdos para serem trabalhados se faziam necessário um número maior de alunos e mesmo com a presença houve relutância para a realização, visto que os alunos preferiam, de maneira geral, a realização do jogo tradicional.

A mudança que foi proposta na condução e organização das aulas sofreu, de maneira geral, resistência por parte dos alunos, mas, apesar disso, foi possível realizar as atividades desejadas. A aula deixava de ter um caráter predominantemente recreativo, mais livre, passando a contemplar processos de

ensino e aprendizagem envolvendo conteúdos e metodologias específicas de trabalho. Nesse sentido rompia com o que parecia ser, na visão dos alunos, uma aula para descontrair, esquecer as aulas “tradicionais” e ser um momento de preparação para a OCA. Assim a aula, na visão dos mesmos, não tinha como objetivo aprender um conteúdo, no caso o Futebol, e sim era tida como um momento de descontração, lazer e/ou de treinamento para outra atividade do Colégio, a Olimpíada, em um determinado momento diferente do ano.

Quanto a ideia de realizar aulas teóricas, tanto para atender a dimensão conceitual e possíveis temas transversais, a resistência foi ainda maior. Na primeira aula ministrada por mim e pela minha dupla, um aluno interrompeu e falou: “não vai ter aula na sala né professor?”, de maneira direta e afirmativa. Fato que foi ao encontro da visão da professora, que também evidenciava esse entendimento sobre as aulas serem espaço de lazer e descontração. Assim, a proposta das aulas teóricas foi abandonada.

A resistência por parte dos alunos também, vai ao encontro dos estudos de Maldonado e Bocchini (2013, p. 171), que assim comentam:

Houve resistência dos alunos em realizar atividades de ginástica (...) também houve dificuldades de compreender a importância de ficar na sala em algumas situações para acompanhar as aulas expositivas ou para realizar as dinâmicas que estavam sendo propostas.

Mesmo que o trabalho em questão tenha sido sobre ginástica, a ideia de mudança do padrão das aulas, ao sair do normal para a turma, pode ser relacionada com a resistência dos alunos da turma de Futebol em que o estágio foi desenvolvido, ou seja, já havia uma cultura constituída no seio da turma, a qual se tornava difícil de fazer a ruptura.

Além da resistência por parte dos alunos, pode existir também por parte da comunidade escolar, sobre isso às autoras Darido e Rangel (2008, p.67) trazem:

Além disso, muitas vezes, a comunidade escolar não oferece respaldo para os professores trabalharem com essa proposta, e os alunos são bastante resistentes a propostas que incluam uma discussão mais sistematizada sobre a dimensão conceitual e atitudinal nas suas aulas.

As autoras ainda falam sobre alguns motivos que podem explicar tal resistência às aulas mais direcionadas a dimensão conceitual e atitudinal, são elas: pelo fato de existir uma tradição muito acentuada de que a aula de Educação Física é muito divertida, pois a mesma se resume ao fazer, ao brincar, ao jogar e não ao compreender os seus sentidos e significados; também pelo fato da Educação Física,

ao longo da sua história, priorizar conteúdos na dimensão procedimental, ou seja, o saber fazer, deixando de lado o saber sobre o que fazer ou como se deve fazer. Tal perspectiva parece ser a que orientava as aulas da turma.

Lovisoló (1995) citado por Darido e Rangel (2008), argumenta, com base em um amplo levantamento de opinião, no que a comunidade entende como Educação Física a partir de dois fenômenos sociais, o esporte e a ginástica. Um resultado encontrado foi que 54% dos responsáveis pela escola não observaram diferença entre Educação Física e esporte, e apenas 12,8% dos alunos conseguiram diferenciar as duas áreas. Entretanto, diante da proposta do CAp, de oferecer diferentes práticas corporais, para além do esporte, tal visão não parece estar em consonância com a perspectiva da escola, o que não impede que se pense que possa ser a visão que perpassa algumas modalidades praticadas na escola.

Este é um cenário que deve ser desconstruído, pois existem muitos conteúdos que devem ser aprendidos na dimensão conceitual e atitudinal, na disciplina de Educação Física que pelos estudantes. Porém para que este cenário seja mudado demanda tempo e mesmo que tenha sido tentado, por parte de nós estudantes estagiários, o tempo em que aconteceu o estágio, um semestre, não foi suficiente para modificar essa cultura.

#### 3.4. DESMOTIVAÇÃO DO PROFESSOR ESTAGIÁRIO

A minha escolha da modalidade do futebol, como já mencionado anteriormente, se deu pela minha aproximação com o esporte pelo fato de ter praticado futebol e futsal desde os cinco anos de idade, e também pelo grande gosto que tenho pela prática. E, um fato que me chamou a atenção com o decorrer do estágio foi à falta de interesse e motivação que eu estava sentindo em ir ministrar as aulas, mesmo sendo um assunto de grande interesse e gosto.

Segundo Tapia e Fita (1999, p. 77) citado por Oliveira e Alves, “a motivação é um conjunto de variáveis que ativam a conduta e a orientam em determinado sentido para poder alcançar um objetivo”. Barreiros (2008, p. 24) traz que:

Para que o professor possa ensinar e fazer com que o aluno aprenda, não somente o professor deve querer ensinar e estar motivado para tal, mas o interesse do aluno também deve estar presente na aquisição de conhecimento.

A autora ainda complementa “(...) se não há conexão de saberes e interesses de ambas as partes para o ensino, não há motivação mútua”.

Analisando estes trabalhos e os acontecimentos do estágio, acredito que a falta de motivação, de minha parte, se originou, principalmente, da resistência dos alunos frente a mudança da maneira de conduzir a aula e falta de interesse percebida na inconstância de frequência dos mesmos.

### 3.5. METODOLOGIA DAS AULAS

Como já exposto anteriormente, a metodologia utilizada nas aulas foi o método global em série de jogos e a tomada de decisão, pois os autores, TENROLER (2008), CARRAVETTA (2001) e GONZÁLEZ et. al. (2014) sugerem ser a maneira mais indicada para o aprendizado e aperfeiçoamento do esporte, considerando que em tais situações são desenvolvidas as questões técnico-táticas do esporte em situações próximas ao jogo tradicional.

Sendo assim, para se tentar atingir tais objetivos, ou seja, o desenvolvimento técnico-tático de maneira concomitante, foram utilizados diferentes jogos, os quais simulavam as mais variadas situações do jogo tradicional de Futebol como, vantagem e desvantagem numérica, pressão, posicionamento em campo entre outros. Também foram realizados jogos adaptados em que fosse possível privilegiar a tomada de decisão, considerando o que fazer, porque fazer e quando fazer.

E por fim, jogos adaptados ou atividades em que ocorresse interação entre os participantes, nas quais fosse possível dar mais ênfase em algum aspecto técnico-tático do jogo tradicional como, o passe, chute, lançamentos, marcação, entre outros. Neste ponto se faz necessário a intervenção do professor, pois sem ela não é possível direcionar a atenção do aluno para o objetivo da aula pelo fato de os jogos adaptados ou condicionados desenvolverem, se não todos, muitos aspectos do jogo. Assim, é papel do professor direcionar a atenção do aluno no que está sendo desenvolvido na aula em questão.

Desta maneira a aula era dividida em três momentos, organizados nos planos de aula, de acordo com Fonseca (2015) o plano de aula é a proposta que será trabalhada em uma determinada aula, no qual o professor irá especificar os procedimentos/atividades do dia e que serão desenvolvidos pelos alunos. A autora



ainda sugere que este deve ser dividido em três momentos, início, meio e fim e se relacionando entre si. O primeiro momento ou parte inicial é um momento de conversa com os alunos, no qual podem ser colocados em pauta os objetivos da aula e problematizados os conteúdos. O segundo momento ou parte principal é o momento da construção dos conteúdos a serem trabalhados de acordo com os objetivos da aula. O terceiro momento ou parte final, é o momento de fechamento da aula, seria o momento de conversa e reflexão sobre o trabalho desenvolvido na aula.

No primeiro momento era realizada a chamada e o relato da aula anterior por parte dos alunos e um jogo ou atividade de aquecimento. Tal atividade já era dada com foco no objetivo principal da aula. No segundo momento eram realizados um ou dois jogos condicionados, jogos com objetivos em algum aspecto técnico-tático do esporte, por vezes um jogo específico como, o jogo dos 10 passes, que consiste em a equipe realizar 10 passes sem errar, ou o jogo tradicional com alteração nas regras. Nas aulas com dois períodos também era realizado o jogo tradicional neste segundo momento. O terceiro momento era o encerramento da aula, assim era realizada uma conversa sobre o processo desenvolvido e os alunos eram instigados a falar sobre o que foi feito, o motivo das atividades, o que as mesmas privilegiavam, o que elas poderiam auxiliar no jogo tradicional. Além de ser o momento para tirar possíveis dúvidas dos alunos, reclamações, sugestões e também era o momento que se definia a dupla para realizar o relato na próxima aula.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo relatar a minha experiência de estágio, refletindo sobre aspectos que me instigaram enquanto docente no período em questão. Ao término deste trabalho, apresento uma síntese conclusiva e provisória sobre as temáticas que emergiram da experiência vivenciada.

Um primeiro aspecto que gostaria de destacar foi a importância do estágio na constituição dos saberes docentes para minha formação profissional, tais como aprender a superar adversidades e aspectos de como organizar, avaliar e ministrar aulas. Um ponto de grande receio, era a falta de experiência com a faixa etária dos alunos, fato que após a realização do mesmo foi superado.

A liberdade que os alunos tinham nas aulas de Educação Física, em um primeiro momento me parecia demasiada ou até mesmo falta de controle, porém pude perceber que se tratava de um trabalho de desenvolvimento da autonomia, uma competência trabalhada, no CAP-UFRGS, em diferentes momentos como nas aulas, nas escolhas dos alunos pela modalidade a ser realizada, dentre outras situações do dia a dia da escola.

Sobre a questão da avaliação, foi possível perceber avanços em sua realização, mesmo que algumas estratégias da ideia inicial, como a utilização do *facebook*, tenham sido descartadas. A autoavaliação ocorreu, permitindo que os alunos pensassem sobre o que estava sendo realizado, tendo implicado fundamentalmente nas mudanças que aconteceram na dinâmica das aulas.

Em consonância com os aspectos destacados no parágrafo anterior, a resistência dos alunos quanto à mudança na dinâmica das aulas, foi sendo pouco a pouco observada e confirmada. A manifestação de alguns na autoavaliação, mostra que a mudança, deu um maior sentido para a prática do Futebol. Já o ponto da resistência às aulas teóricas, se revelou mais complexo, pois a presença de objetivos conceituais parece não ser uma prática regular nas aulas de Educação Física.

Considero que o principal fator de desinteresse dos estudantes, foi a época em que o estágio foi realizado, em função da greve nas escolas estaduais que atrasou a realização deste estágio. O final do ano letivo e a realização da OCA,

fizeram com que os estudantes estivessem mais preocupados com outras disciplinas além da Educação Física e o incentivo que tinham, com a competição na Olimpíadas, já tinha acontecido.

O ponto que mais me instigou a realizar tal trabalho, sem dúvida, foi a minha desmotivação em ministrar as aulas, fato que gerou estas reflexões. Ou seja, mesmo com as considerações acima, destaco que a minha desmotivação foi o principal motivador para a realização deste trabalho, pois em nenhum momento imaginei que estaria sem motivação para ministrar uma aula sobre Futebol, esporte que tanto aprecio e acompanho.

Entendo que o trabalho desenvolvido trouxe crescimento aos estudantes na medida em que puderam compreender a dimensão do trabalho que pretendi realizar. As dificuldades aqui apresentadas, se mostraram de grande importância, uma vez que o aprendizado se deu de maneira recíproca. Questão que sempre será lembrada na minha jornada. Tal fato me revela o quanto ainda tenho para crescer e aprender com o dia a dia da escola, com as vivências do mundo real.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. AUTONOMIA. In: MICHAELIS: Moderno dicionário da língua portuguesa. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=autonomia>>. Acesso em: 23 jun. 2019.
2. BARREIROS, Jaqueline Lopes. **Fatores que influenciam na motivação de professores.** Brasília, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2581/2/20312042.pdf>>. Acesso em: 23 jun. 2019.
3. BERBEL, Neusi Aparecida Navas. **As metodologias ativas e a promoção da autonomia de estudantes.** Semina: Ciências Sociais e Humanas, v. 32, n. 1, p. 25-40, 2011.
4. CARRAVETA, Elio. **O jogador de futebol: técnicas, treinamento e rendimento.** Porto Alegre: Mercado Aberto, 2001.
5. COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da educação física.** São Paulo: Cortez, 1992. Coleção Magistério 2º grau – série formação do professor.
6. **Colégio de Aplicação da UFRGS.** Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/colegiodeaplicacao/>> Acesso em 19 jun. 2019.
7. DARIDO, Suraya cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação física na escola: implicações para a prática pedagógica.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.
8. FONSECA, Denise Grosso da. Planejamento. In: FONSECA, Denise Grosso da; MACHADO, Roseli Belmonte. **Educação física: (re)visitando a didática.** Porto Alegre: Sulina, 2015
9. FRANÇA, Dimair de Souza, **A formação de futuros professores e a aprendizagem da docência.** Revista Poiésis, Vol. 2, n. 2, Janeiro/Dezembro, 2004, p.127-140.
10. FRISSELI, Ariobaldo. **Futebol: teoria e prática.** São Paulo: Phorte, 1999.
11. GONZÁLEZ, Fernando Jaime; DARIDO, Suraya Cristina; DE OLIVEIRA, Amauri Aparecido Bássoli. **Esportes de invasão: basquetebol – futebol – futsal – handebol – ultimate frisbee.** Maringá: Eduem, 2014.
12. GONZÁLEZ, Fernando Jaime; FRAGA, Alex Branco. Referencial Curricular de Educação Física. In: RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Estado da Educação. Departamento Pedagógico.(Org.). **Referencial Curricular do Rio Grande do Sul–Lições do Rio Grande: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias–Artes e Educação Física.** Porto Alegre: Secretaria de Estado da Educação do Rio Grande do Sul, v. 2, 2009.
13. IZA, Dijnane Fernanda Vedovatto; NETO, Samuel de Souza, **Por uma revolução na prática de ensino: o estágio curricular supervisionado.** 1. ed. Curitiba: CRV, 2015.
14. KAMII, Constance. A autonomia como finalidade da educação, Implicações da Teoria de Piaget. In: KAMII, Constance. **A criança e o número: Implicações educacionais da teoria de Piaget para a atuação com escolares de 4 a 6 anos.** 38. ed. Campinas: Papirus, 2008.
15. MALDONADO, Daniel Teixeira; BOCCHINI, Daniel. **Prática pedagógica nas aulas de educação física: a ginástica na escola pública.** Coleção Pesquisa em Educação Física, Vol. 12, n. 1, p. 165-172, 2013.

16. OLIVEIRA, Cynthia Bisinoto Evangelista; ALVES, Paola Biasoli. **Ensino fundamental: papel do professor, motivação e estimulação no contexto escolar**. Paidéia, Vol. 15, n. 31; p. 227-238.
17. PATRÍCIO, Maria Raquel; GONÇALVES, Vitor. **Facebook: rede social educativa?**. I Encontro Internacional TIC e Educação, p. 593-598, 2010.
18. **Projeto Pedagógico do Curso de Educação Física Habilitação Licenciatura**. Disponível em: <[https://www.ufrgs.br/esefid/Arquivos/COMGRAD\\_EFI/ppc\\_licenciatura.pdf](https://www.ufrgs.br/esefid/Arquivos/COMGRAD_EFI/ppc_licenciatura.pdf)> Acesso em 11 jun. 2019.
19. SANTOS, Leonor. Auto-avaliação regulada: porquê, o quê e como?. **Avaliação das Aprendizagens. Das concepções às práticas**, p. 75-84, 2002.
20. SOARES, Raquel Osolins. **Educação Física e Facebook: ampliando conteúdos através da interação digital**. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/174757/001063987.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em 10 jun. 2019.
21. TENROLER, Carlos Alberto. **Futsal: ensino e prática**. 2. ed. Canoas: ULBRA, 2008.
22. TENROLER, Carlos Alberto; MERINO, Eduardo. **Métodos e planos para o ensino dos esportes**. 2. ed. Canoas: Ed. Ulbra, 2014.
23. UFRGS, Colégio de Aplicação. **Projeto de Ensino – Equipe Ensino Médio**. 2018

## 6. APÊNDICES

### 6.1. APÊNDICE A – PLANO DE AULA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**  
**ESTÁGIO DE DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**Plano de aula Nº:** 08

**Dados de identificação:**

**Nome da Escola:** Colégio de Aplicação UFRGS

**Data:** 27/11/2017

**Horário:** 15:00 – 15:45

**Turma:** Futebol Ímpar

**Professora da Turma:** Elizabeth Ribeiro

**Docente:** Augusto de Mattos Tuchtenhagen e Régis Matheus Hözer

- **Tema da Aula**

Futebol

- **Objetivos**

Entender as regras dos jogos, reconhecer das capacidades envolvidas nas atividades, capacidade de participar das atividades, desenvolver do controle de bola, domínio, passe, visão de jogo, táticas específicas, seguir as regras dos jogos e da aula.

- **Procedimentos de Ensino**

*Atividade 1- Conversa com os alunos:* Será realizada uma conversa com os alunos sobre como será organizado a aula, realização da chamada, realização do relato da aula e respostas para possíveis dúvidas dos alunos.

*Atividade 2- Roda de bobinho em dupla:* A turma irá formar um grande círculo com dois alunos (bobinhos) no meio. O objetivo da atividade é que os alunos que estão no círculo troquem passes sem que os que estão no meio desviem a bola. Com o decorrer da atividade será introduzida regras para dificultar e desafiar os alunos.

*Atividade 3- Jogo condicionado:* Será realizado o jogo tradicional, só que além do gol tradicional a equipe poderá marcar dois pontos se conseguir “virar” (tocar a bola de um lado para o outro, por exemplo, da esquerda para a direita pelo alto ou a meia altura) o jogo e manter o controle da bola quando acontecer a virada de jogo. O gol normal vale um ponto, a virada de jogo dois ponto, gol ocorrendo a virada de jogo três pontos e gol com assistência direta da lateral do campo quatro pontos.

*Atividade 4- Jogo tradicional:* Será realizado o jogo tradicional de futebol.

*Atividade 5- Conversa sobre a aula:* será conversado sobre o que foi realizado em aula, escutar os alunos quanto suas opiniões, críticas, instigar os alunos para questões trabalhadas em aula.

- **Recursos**

Bolas

## 6.2. APÊNDICE B – PLANO DE AULA

### UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL ESTÁGIO DE DOCÊNCIA EM EDUCAÇÃO FÍSICA

**Plano de aula Nº:** 09

- **Dados de identificação:**

**Nome da Escola:** Colégio de Aplicação UFRGS

**Data:** 29/11/2017

**Horário:** 16:00 – 17:30

**Turma:** Futebol Ímpar

**Professora da Turma:** Elizabeth Ribeiro

**Docente:** Augusto de Mattos Tuchtenhagen e Régis Matheus Hözer

- **Tema da Aula**

Futebol

- **Objetivos**

Entender as regras dos jogos, reconhecer das capacidades envolvidas nas atividades, capacidade de participar das atividades, desenvolver do controle de bola, domínio, passe, visão de jogo, situações de vantagem e desvantagem numérica, seguir as regras dos jogos e da aula.

- **Procedimentos de Ensino**

*Atividade 1- Conversa com os alunos:* Será realizada uma conversa com os alunos sobre como será organizado a aula, realização da chamada, realização do relato da aula e respostas para possíveis dúvidas dos alunos.

*Atividade 2- Roda de bobinho em dupla:* A turma irá formar um grande círculo com dois alunos (bobinhos) no meio. O objetivo da atividade é que os alunos que estão no círculo troquem passes sem que os que estão no meio desviem a bola. Com o decorrer da atividade será introduzida regras para dificultar e desafiar os alunos.

*Atividade 3- Jogo com escape:* A turma será dividida em duas equipes e cada equipe terá dois alunos, um em cada lado do campo que poderá jogar em uma faixa do campo (escape). O jogo irá acontecer normal, porém se o gol acontecer com assistência do jogador que é escape o gol irá valer três pontos, e se for sem a assistência do escape o gol vale um ponto. Ao decorrer do jogo o escape será mudado.

*Atividade 4- Jogo condicionado:* Será realizado o jogo tradicional, só que além do gol tradicional a equipe poderá marcar dois pontos se conseguir “virar” (tocar a bola de um lado para o outro, por exemplo, da esquerda para a direita pelo alto ou a meia altura) o jogo e ter o controle da bola



quando acontecer a virada de jogo. O gol normal vale um ponto, a virada de jogo dois pontos, gol ocorrendo a virada de jogo três pontos e gol com assistência direta da lateral do campo quatro pontos.

*Atividade 5- Jogo tradicional:* Será realizado o jogo tradicional de futebol.

*Atividade 6- Conversa sobre a aula:* será conversado sobre o que foi realizado em aula, escutar os alunos quantos suas opiniões, críticas, instigar os alunos para questões trabalhadas em aula.

- **Recursos**

Bolas, cones demarcatórios.

### 6.3. APÊNDICE C – REFLEXÃO DA AULA

- Reflexão aula do dia 08/11:

Nesta aula fomos pegos de surpresa pela chuva, que não havia previsão para o dia, chegando na escola a professora Elizabeth nos falou o que normalmente acontecia nos dias com chuva e tínhamos duas ideias para a aula, uma trabalhar a questão do esporte e saúde, a outra ideia realizar uma iniciação às lutas focando na questão do *fair play* e sobre a importância do adversário para os esportes e a professora Elizabeth falou que eles jogavam futsal nos dias de chuva, me passou a impressão de estar direcionando a nossa decisão. Acabamos decidindo conversar com os alunos em um primeiro momento sobre a situação da chuva, decidimos com eles realizar o futsal, fato que foi aproveitado por nós como uma oportunidade de trabalhar mais o passe e a velocidade na tomada de decisão, por o futsal ser jogado em um espaço reduzido as decisões precisam ser feitas em um menor espaço de tempo. No primeiro momento conversamos sobre o que iria ser realizado pelos alunos, depois de decidido o futsal foi feito o relato da aula por parte dos alunos que foram designados na aula anterior. Organizamos os times e no primeiro momento o jogo tinha a regra de cada jogador poder dar apenas dois toques seguidos na bola, atividade que não é nova para os alunos, a novidade se deu pelo pequeno espaço e então ser mais complicado, fato que foi possível notar, pois no início do jogo eles se atrapalharam bastante, mas com o decorrer da atividade foi melhorando o desempenho. Após foi retirado o limite de toques por aluno e adicionamos que para poder acontecer o gol a equipe deveria trocar cinco passes antes da realização do gol, está atividade funcionou bem em todo o seu desenvolvimento, foi possível notar a organização na troca de passes rápidos para completar o número da regra e depois diminuindo a velocidade do jogo. Ao final da aula realizamos o futsal tradicional, no primeiro momento uma equipe estava com bastante dificuldade na sua organização, dessa maneira o jogo não estava competitivo, pois apenas uma equipe estava jogando e a outra não acompanhava. Assim paralisei o jogo e liberei uma equipe para tomar água enquanto, uma equipe foi tomar água, fui conversar com a outra, como eles não estavam conseguindo jogar, julguei necessário intervir. Perguntei como eles achavam que estavam jogando e tive a resposta de que não estavam jogando bem, perguntei os motivos que não estavam jogando bem e citaram, principalmente, a organização deles em quadra. Dessa maneira, apresentei algumas maneiras que eles poderiam se organizar e algumas explicações dos motivos de se organizarem de alguma maneira em quadra e sempre durante a explicação perguntava para eles se sabiam e estavam entendendo, um aluno tinha mais conhecimento e me ajudou nas explicações. Após a intervenção o jogo ficou melhor, mais igual, pois as duas equipes estavam mais organizadas, e também comecei a realizar um rodízio entre os jogadores das equipes, fazer mais substituições entre os alunos e quando saiam voltar no outro time, aproveitei o fato de estarem gostando da aula para integrar eles entre as turmas começar a desmontar os grupinhos que existe na turma. Ao final da aula conversamos sobre a prática e as possíveis transferências que poderiam ser realizadas para a prática do futebol e sobre o relatório da próxima aula. Acredito que esta aula foi muito produtiva para avançar na questão de proximidade com os alunos pelo fato de o futsal ser jogado em um espaço reduzido ter mais interação e a maior facilidade de intervenção, além de também ser possível de começar a desmontar os grupos de alunos pré-existentes e algumas questões técnicas do esporte que podem ser transferidas entre as modalidades.